

Como Trabalha um Repórter Esportivo no Interior: Dificuldades e Desafios¹

Marcello LUCAS²

Valéria FOLETTO³

Marcio GRANEZ⁴

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Ijuí, RS

Resumo

O Jornalismo Esportivo é uma área especializada do Jornalismo e o repórter esportivo de rádio está em contato direto com pessoas. As dificuldades e desafios de um repórter esportivo do interior do estado do Rio Grande do Sul são muitas e precisam ser analisadas para que se possa avançar na prática profissional. Além de ser uma área de atuação concorrida e restrita, alguns empecilhos surgem: dificuldade de acesso ao gramado para entrevistas, concorrência com veículos de comunicação da capital, preconceito com a mulher no jornalismo esportivo e a dificuldade de isenção nas transmissões esportivas. O artigo enfoca essas questões a partir da experiência de um profissional do jornalismo esportivo.

Palavras-chave: jornalismo esportivo; rádio, interior; concorrência; comunicação

Considerações Iniciais

Quais as dificuldades e desafios do repórter esportivo no interior? Essa e outras questões estarão sendo expostas no decorrer desse estudo de caso, que busca observar as dificuldades e desafios de um repórter esportivo no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Após uma breve revisão bibliográfica sobre o jornalismo e a atividade do repórter esportivo de rádio, de análise do trabalho *in loco* e entrevista com o profissional Alex Frantz, buscar conhecer e compreender melhor a profissão de radialista e jornalista, bem como seus desafios e motivações. A área de atuação do jornalista esportivo é muito

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social, Hab. Jornalismo da UNIJUÍ, email: marcellokucas@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social, Hab. Jornalismo da UNIJUÍ, email: valeria_foletto@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, Hab. Jornalismo da UNIJUÍ, email: granez@unijui.edu.br

concorrida e restrita. Analisá-la e refletir sobre essa prática pode contribuir para que se amplie o horizonte dos profissionais e dos futuros jornalistas.

Atividade do Repórter Esportivo

O jornalismo é uma atividade profissional que envolve a elaboração de uma notícia após o acontecimento de um fato que seja relevante para a sociedade ou um determinado grupo. Clóvis Rossi define:

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social [...]. (ROSSI, 1980, p. 7).

Na profissão de jornalista há muitos caminhos que podem ser seguidos e possibilidades de se especializar em áreas específicas, tudo porque a abrangência da profissão é grande. O jornalismo esportivo é uma dessas áreas especializadas da profissão. Segundo Melo:

Trata-se o esporte como notícia, ou seja, do Jornalismo Esportivo. Além de ocupar espaço privilegiado nos veículos de informação geral (jornal, rádio ou televisão), constitui um dos ramos importantes da segmentação da indústria jornalística, ensejando publicações especializadas no campo da mídia impressa ou programas específicos no interior da mídia audiovisual. O esporte se faz propaganda, gerando mensagens publicitárias dos espetáculos ou dos produtos associados às práticas esportivas... (MARQUES DE MELO, 2003, p. 87).

No jornalismo esportivo existem funções específicas para o profissional da área, podendo este ser repórter, comentarista, narrador ou plantonista. A elaboração de uma reportagem em uma partida de futebol é uma atividade desafiadora e que exige presença de espírito do profissional:

O repórter de campo é a função, de fato, mais jornalística. Do jogo de cintura para se colocar um craque no ar, ao vivo, durante uma transmissão, até o rol de perguntas que é preciso elencar ao longo de uma entrevista, tudo nessa atividade lembra o fazer jornalístico de qualquer outro veículo ou editoria. (UNZELTE, 2009, p. 80).

A fim de coletarmos informações sobre a realidade dessa atividade, buscamos enfocar a experiência de um profissional da área. A referência de informações é de Alex

Frantz, da Rádio Progresso de Ijuí (emissora de alcance regional no estado do Rio Grande do Sul), que atua como repórter esportivo transmitindo jogos da dupla Gre-Nal (Grêmio e Internacional) na capital Porto Alegre e também, desde 2013, atua como setorista do Esporte Clube São Luiz (clube de futebol profissional da cidade de Ijuí).

A Experiência Profissional do Repórter Esportivo no Rádio

Segundo o radialista, cobrir o dia a dia do São Luiz é de suma importância: “Acompanho os treinos do São Luiz e quando é Campeonato Gaúcho vou para os jogos do time, independente se é em Ijuí ou fora de Ijuí. Além disso, acompanho diariamente os treinos do São Luiz”.

As atividades do repórter esportivo não se limitam apenas a perguntas e intervenções durante transmissões esportivas no gramado dos estádios, ainda que essa seja sua primordial função. O repórter também realiza atividades como redator, realizando crônicas esportivas sobre os jogos de futebol.

O Trabalho *in loco* do Jornalista Esportivo no Interior

A profissão de jornalista no interior do estado do Rio Grande do Sul envolve alguns desafios e problemas, embora seja uma atividade prazerosa para quem aprecia o esporte. A cidade de Ijuí está situada a 414 km da capital Porto Alegre e o primeiro desafio encontrado pelo repórter do interior que vai cobrir os jogos da dupla Gre-Nal é relativo à distância. “Nós (Rádio Progresso) transmitimos os jogos do Grêmio e do Internacional em Porto Alegre e a principal dificuldade é a questão do deslocamento, pois são mais de 400 km para ir e para voltar, essa é a principal dificuldade”, destaca Alex Frantz.

O repórter do interior ainda enfrenta outro desafio: “Eu apresento um programa de esportes na emissora e vejo muita dificuldade, pois você liga para os clubes de futebol do país ou até mesmo os do interior do estado e você não consegue entrevistar”.

No caso dos jornalistas esportivos, as fontes, em geral são os atletas e treinadores. Segundo Celso Unzelte (2009, p.105), “ainda podem ser os dirigentes e torcedores, além de uma figura que vem ganhando importância cada vez maior com a mercantilização do futebol, a do procurador ou empresário”.

De fato, existe uma comparação entre emissoras da capital Porto Alegre e do interior, principalmente se o radialista de uma grande emissora marca uma entrevista:

independentemente de qualquer coisa ele vai ter êxito, apenas por pertencer àquela emissora, por possuir “status”.

“Você se identifica dizendo que é da Rádio Progresso do interior do RS e muitas vezes não consegue entrevistado, porque tem assessoria de comunicação e para passar é bastante complicado; e se você diz que é da Rádio Gaúcha ou do grupo Bandeirantes de Porto Alegre, você consegue e é só marcar o horário que não tem problema nenhum”, conclui o repórter.

Dificuldade de Acesso ao Campo para Entrevistas

Driblada a dificuldade relativa à distância de Ijuí a Porto Alegre, ao chegar ao estádio para a jornada esportiva outro problema é evidenciado pelo repórter de rádio. Desta vez, por todos os profissionais desse veículo. A ACEG (Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos) é a entidade responsável pelo credenciamento de cada profissional nos jogos realizados no Rio Grande do Sul e recentemente possui uma nova norma, a qual impede que repórteres de rádio entrevistem jogadores dentro do campo. Ou seja, o repórter de rádio não pode ultrapassar uma linha do gramado. Portanto entrevistas com jogadores são realizadas, geralmente, na zona mista (dentro do estádio).

Alex explica o que acontece nas jornadas esportivas no qual participa: “Foi demarcada uma linha para os repórteres de rádio, só que o repórter questiona o pessoal da televisão que se desloca onde os repórteres de rádio estão para entrevistar. Isso não é justo com o profissional de rádio,” lamenta.

Conforme os registros da história do jornalismo esportivo, as transmissões de rádio começaram muito antes da rede de televisão:

[...] a transmissão de eventos esportivos, notadamente dos jogos de futebol, virou tradição, e mesmo uma necessidade, principalmente antes da transmissão frequente pela televisão, a partir dos anos 1980. Foram criadas cada vez mais funções, do locutor ao repórter de campo, do repórter ao comentarista, do comentarista ao plantão esportivo. Todas elas se mantêm até hoje, e são postos de trabalho para o jornalista esportivo de rádio, que também conta com programas que antecedem as partidas, continuam no intervalo e no pós-jogo. (UNZELTE, 2009, p. 64).

A grande diferença de rádio para televisão é a agilidade do processo de divulgação da informação. A televisão não possui a mesma dinamicidade do rádio, que transmite as notícias ao ouvinte no momento em que o fato acontece. O rádio ainda mexe com a

imaginação do receptor por não possuir imagem. A televisão, no entanto, requer um maior período de tempo para a elaboração e edição de matérias para a veiculação.

Objetividade e Amor a um Clube

O futebol é um esporte que envolve emoção e sentimentos como o amor, que muitas vezes é inteiramente dedicado a algum clube de futebol. Normalmente os jornalistas que optam pela especialização no Jornalismo Esportivo possuem uma afeição especial pelo esporte e por isso se engajam na causa de noticiar o dia a dia dos clubes de futebol – seja ele o seu clube ou o rival dele. No entanto, a questão da objetividade é colocada à prova. O jornalista que trabalha nas coberturas do futebol, por exemplo, com o tempo tende a deixar de gostar do clube do coração, pois o profissionalismo se torna mais importante e a credibilidade é fundamental para o profissional.

O repórter Alex Frantz comenta que é normal o profissional ter um time do coração, mas o diferencial está na hora de transmitir ao ouvinte: “Todos nós temos o time do coração e é difícil no primeiro momento, ainda mais quando está começando no meio esportivo”. No que se refere aos sentimentos que podem ser emanados pelo profissional, Alex é coerente: “Quando você está começando na profissão e seu time perdeu o jogo, você fica triste, não quer transmitir mais nada e sente vontade de largar tudo, porque você tem aquela coisa de torcedor dentro de si”.

Contudo, as bases profissionais ensinadas em cursos técnicos ou em faculdades de rádio e TV e jornalismo permitem ao profissional ter cautela ao divulgar informações. O repórter vive em constante aprendizado e aperfeiçoamento das experiências que já adquiriu na profissão. “Certa vez fui transmitir um clássico Gre-Nal e meu time perdeu, mas tive que assimilar. Primeira coisa que eu fiz foi evitar deixar o lado torcedor invadir o profissional, então fui trabalhando”, conta.

O repórter esportivo pode ter um time do coração, mas o importante é não deixar isso explícito. No Rio Grande do Sul existem dois clubes de maior expressividade, as pessoas optam por Grêmio ou Internacional, por isso, devido à grande rivalidade, o jornalista tende a não manifestar sua preferência. No Rio de Janeiro, por exemplo, os maiores clubes são Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo, portanto não são dois, mas sim quatro clubes de maior expressão, a rivalidade é menor e o jornalista não se sente em um ambiente hostil quando decide revelar o time do coração.

Quando a paixão se manifesta pela preferência explícita por uma das partes de uma disputa, em um país de cultura monoesportiva como é o Brasil, essa questão passa a ter nome e sobrenome. Chama-se “time do coração”, e o grande dilema que aflige a cabeça dos jornalistas esportivos – e também dos seus leitores e espectadores – é: revelá-lo ou não? Trata-se, porém, de um falso dilema, pois o problema todo não reside no fato de se ter ou não um time para torcer, mas, sim, de manter sempre a autocrítica, para que isso jamais atrapalhe o bom andamento do seu trabalho (UNZELTE, 2009, p. 13).

No entanto, além de o jornalismo esportivo se tratar de uma área bastante concorrida por ser um mercado de trabalho restrito, o profissional que está na área não quer sair e quem não está quer entrar.

Ser Repórter no Interior

Os clubes de futebol do interior do estado geralmente disputam apenas o primeiro semestre de cada ano, que equivale à disputa do Campeonato Gaúcho. Após o seu término, a maioria das equipes dispensa jogadores e encerra atividades no futebol profissional, tendo atividades somente com a equipe de juniores que disputa o estadual da categoria. Dessa forma, o repórter esportivo do interior não acompanha diariamente os treinamentos, ao contrário do que acontece na capital, onde os repórteres cobrem diariamente Grêmio e Internacional, que estão sempre disputando competições.

Segundo Alex, determinadas siglas (de grandes empresas) garantem ao profissional o status que ele quiser no que se refere a novas experiências profissionais. O repórter da Rádio Progresso, por exemplo, pode estar no mesmo patamar que o repórter do grupo Bandeirantes ou da Gaúcha, mas se o profissional chegar na Rede Globo e perguntarem onde trabalhou, eles vão dar preferência para quem trabalhou na Rádio Gaúcha. Quanto ao salário de tais emissoras, tanto da capital quanto do interior do estado, Alex destaca: “O salário deles em Porto Alegre é o mesmo que o nosso aqui, a diferença é que se trabalha um pouco mais em Porto Alegre e o custo de vida é mais alto”.

O repórter ainda cita uma situação corriqueira que acontece com os repórteres recém contratados das emissoras da capital gaúcha: “Se você é contratado pela Gaúcha para trabalhar nos campos de futebol, você nunca é escalado, pois existem vários repórteres. Se você ouve a Gaúcha, Guaíba ou a Bandeirantes, você escuta sempre os mesmos repórteres que estão nos jogos e nunca é o ‘C’ (aquele que está lá embaixo na última categoria). Sendo assim, o status e a visibilidade são menores, mesmo trabalhando em uma emissora maior”, explica Alex.

Quem quiser exercer o jornalismo esportivo no rádio geralmente começará na função de plantão. Aquele cara que, no meio do jogo, interrompe o locutor para anunciar um gol em algum lugar e que ao final da jornada esportiva volta para dar o placar de todos os jogos do dia. Ultrapassada esta etapa, o jornalista esportivo no rádio tem basicamente três opções: evoluir para locutor, comentarista ou repórter de campo. (UNZELTE, 2009, p. 80).

Nota-se que o jornalismo esportivo vive um processo de adaptações e também evoluções no mercado de trabalho. Alex menciona uma rádio do Rio Grande do Sul que não recicla seus profissionais e no ano passado ficou por um tempo sem comentarista, pois o profissional trocou de emissora. Ele conclui que por isso é importante dar oportunidades aos jovens profissionais que estão ingressando no mercado de trabalho. Há rádios na capital com narradores com 30 anos de história. Alex questiona sobre a reciclagem de profissionais: “Caso os narradores parem agora encerrando sua carreira profissional, como a emissora vai agir? Precisa dessa reciclagem”.

A Concorrência

O repórter Alex Frantz fala que não se sente preocupado com a questão da concorrência com rádios maiores e dá maior importância ao carinho que recebe de seus ouvintes ao comparar os números da audiência. “Nos centros maiores há um contato mais direto com os profissionais do rádio, as famílias costumam, inclusive, escutar os mesmos programas por várias gerações. O fato de ter menos emissoras em uma cidade do interior do estado também faz criar vínculos”, comenta.

Alex relembra de quando viajou a Manaus – AM, para cobrir o São Luiz em um jogo pela Copa do Brasil de 2013 e uma rádio daquela cidade entrou em cadeia com a Rádio Progresso de Ijuí: “A maior recompensa são as mensagens recebidas diariamente via redes sociais, demonstrações de afeto que nenhum número de audiência poderá comprar”.

A Mulher no Jornalismo Esportivo

O jornalismo esportivo é uma área de atuação no mercado de trabalho que até pouco tempo era predominantemente masculina. Como em todas as outras profissões, dificilmente a mulher conseguia destaque e respeito dentro do esporte nos jornais. Porém, esse cenário foi mudando durante os anos.

No Brasil, a inserção do sexo feminino na área esportiva se deu a partir da década de 70. Coelho (2003, p. 34) afirma que “era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70”. Antes da década de 70 a representação feminina no jornalismo era exclusivamente para o público deste mesmo sexo em editorias bem marcadas; neste sentido, as mulheres não podiam escrever em outras editorias.

... até os anos 60 as mulheres entravam nas redações confirmando o seu papel feminino, ocupando espaço nos cadernos ou nas revistas femininas, nas seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou escrevendo crônicas e contos voltados para o público feminino. Os assuntos “sérios” eram reservados aos homens. (ABREU; ROCHA, 2006, p. 10).

Embora existam mulheres que se destaquem dentro do jornalismo esportivo, o preconceito ainda existe nas redações, mas em proporções menores do que antigamente. Segundo Alex Frantz, a falta de respeito poderá vir da parte dos jogadores e técnicos, ou até de comentários maldosos vindo de pessoas de fora ao notar que uma mulher vai trabalhar e ser escalada para cobertura de eventos fora da cidade com mais três homens.

Na atuação jornalística, “as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera” (COELHO, 2003, p. 35). O autor complementa que há esportes ainda de difícil acesso para a mulher. Existem áreas como futebol, em que o machismo ainda está presente.

O repórter Alex destaca que, se em uma coletiva de imprensa um repórter conhecido questiona um jogador ou um treinador, a resposta será diferente da que seria direcionada a uma pessoa do sexo feminino, muito provavelmente seria em tom irônico e de deboche. “O descrédito com a mulher no meio em que ela está inserida continua sendo um empecilho, o qual as repórteres femininas terão de ultrapassar”, salienta.

Considerações Finais

Ao sintetizar todos os aspectos apresentados no estudo, diríamos que os desafios de um repórter esportivo do interior do estado é notoriamente o fato de “ser do interior”. As dificuldades surgem pelo fato de serem repórteres de emissoras pequenas, que não têm nome comparado aos grandes veículos de comunicação. Na transmissão de jogos de futebol

dos times da dupla Gre-Nal na capital Porto Alegre, a distância vem como uma barreira quase implacável.

Ao longo desse estudo percebe-se que, neste meio, há a presença do preconceito por parte das próprias pessoas inseridas nele, para com as mulheres e iniciantes na profissão. Ao finalizar ressaltamos os desafios do repórter esportivo no interior do estado: um profissional que tende a cada vez mais conquistar espaço e é uma indispensável fonte de informação para apaixonados pelo esporte. Embora o repórter esportivo do interior do estado seja prejudicado em alguns aspectos, em outros é privilegiado, pois em alguns casos o carinho do ouvinte é mais importante que números da audiência.

Referências Bibliográficas

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo brasileiro**. Rio Grande do Sul: Sulina, 2003.

UNZELTE, Celso; PRADO, Magaly (org.). **Jornalismo Esportivo: relatos de uma paixão**. Vol. 4. São Paulo: Saraiva, 2009.

DE ABREU, Alzira Alves e ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações: Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.